

ADFA

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — LISBOA
Director: António J. Lavouras Lopes

Composto e impresso nas oficinas
TIPOGRAFIA-ESCOLA DA A. D. F. A.
Rua da Artilharia 1

EDITORIAL

DOIS ANOS DE LUTA

A ADFA vai comemorar dois anos de existência legal. Em 14 de Maio completam-se dois anos de luta de um dos sectores mais desprezados da sociedade. Dois anos de luta apoiada e acarinhada pelo povo trabalhador; dois anos de luta odiada e entravada pelos donos das ex-colónias e todos os que beneficiavam com a guerra; dois anos de luta receada e deturpada por governantes e responsáveis que não ousaram ou não quiseram resolver com justiça os problemas dos mais desfavorecidos.

Foram também dois anos de denúncia e esclarecimento sobre os horrores e injustiças das guerras coloniais. Os deficientes das F. A. têm efectivamente denunciado os horrores da guerra, os males que daí adviam para o povo português, o verdadeiro significado dessa guerra e quais os objectivos de quem a promovia e continuava; os deficientes das F. A. têm apontado os verdadeiros culpados da calamidade que foi a guerra colonial, têm apontado aqueles que lucravam com o sangue dos soldados, com o sofrimento das viúvas e dos órfãos.

Esta denúncia e este esclarecimento é, e continuará a ser, um dos objectivos da ADFA. Aliás trata-se de um serviço que os deficientes prestam a uma sociedade muito confusa, esclarecendo-a, inequivocamente, sobre os crimes e as responsabilidades que estavam envolvidos na guerra e sobre as más intenções que por aí vão grassando à volta do mesmo tema. De facto, começam a levantar-se vozes, não só contra o 25 de Abril de 1974, como contra a descolonização, o fim da guerra, etc. São vozes bem conhecidas, são as vozes dos saudosos da exploração do povo de Angola, Guiné, Moçambique e do povo de Portugal. São os senhores responsáveis pela guerra e pelo regime fascista; são os senhores do capital e da exploração, os inimigos do socialismo e da sociedade justa; são os responsáveis por milhares de militares deficientes e milhares de militares mortos; são os responsáveis por estes crimes, pelos quais não foram julgados; são os inimigos do povo, os sabotadores da revolução; são aqueles que se preparam para lançar esse mesmo povo em mais umas dezenas de anos de opressão e exploração.

1.º DE MAIO FESTA DOS TRABALHADORES

Comemorou-se o terceiro 1.º de Maio em liberdade. O primeiro 1.º de Maio em liberdade, 1974, foi um mar de gente e de cravos vermelhos na rua, ratificando o 25 de Abril e o Movimento das Forças Armadas — foi uma inesquecível jornada, uma festa da vitória do povo sobre o fascismo. O segundo 1.º de Maio em liberdade foi também uma memorável festa do povo trabalhador que, em enormes manifestações e concentrações em todo o País, festejou as vitórias alcançadas pela revolução e marcou a sua determinação em prosseguir até ao fim a revolução dos cravos — dos cravos que salpicavam de vermelho as multidões dos trabalhadores. No terceiro 1.º de Maio em liberdade houve poucos cravos, mas houve muita gente, muitos trabalhadores gritando a sua determinação em não deixar perder as vitórias alcançadas pela revolução — vitórias cada vez mais ameaçadas pelo fascismo que teima em voltar, pelo capital e pelas forças que nele se apoiam.

Os deficientes das F. A. participaram no segundo 1.º de Maio da liberdade. Organizaram uma manifestação própria, que saiu da sede da Associação e foi integrar-se na manifestação que se dirigia ao Estádio 1.º de Maio. Os deficientes participaram na festa dos trabalhadores de 1 de Maio de 1974, participaram numa jornada em que participaram também militares. Foi



uma festa em que se gritava ainda Povo/MFA.

Os militares este ano não participaram na festa dos trabalhadores. Cravos também houve muito poucos. Já não se gritou Povo/MFA. Mas os trabalhadores, esses estiveram em massa na rua.

Os deficientes das F. A., tal como no ano passado, este ano também participaram na festa dos trabalhadores. Uma delegação da ADFA, da Zona de Lisboa, integrou-se na manifestação que se dirigiu ao Estádio 1.º de Maio, constituindo a

frente da própria manifestação. A Associação é formada essencialmente por trabalhadores e candidatos a trabalhadores, por homens que lutam pelo direito ao trabalho, pelo direito de serem trabalhadores. É portanto junto do povo trabalhador que a ADFA se sente à vontade. É junto dos trabalhadores, e com o apoio destes, que a ADFA vai avançando na sua luta em direcção aos objectivos a atingir. A ADFA é uma organização de trabalhadores e como tal participou no 1.º de Maio.

Novos órgãos administrativos

Concluindo a 2.ª fase de eleição dos novos órgãos administrativos da Associação, de acordo com os novos Estatutos, encontra-se já constituído o Secretariado Nacional e o Conselho Fiscal Central. Depois de eleitos os Secretariados de Zona, procedeu-se à eleição no dia 2 de Maio, da Mesa da Assembleia Geral Nacional (que faz parte do Secretariado Nacional) e do Conselho Fiscal Central.

Ficou assim o Secretariado Nacional constituído pelos seguintes elementos: Jorge Manuel Garrido Pardal Maurício, António Guerreiro Calvino, Marcelino da Silva Dias, Fernando Gonçalves Barros, António Joaquim Lavouras Lopes, Albertino Flores Santana, José do Nascimento Leal Varela, Hugo Constantino Guerra, Joaquim Mano Póvoas, Albino Fernando Oliveira Duarte, Abel Artur dos Santos Fortuna, Joaquim Alberto Santana Valadas, Manuel Joaquim Calhau Branco, Manuel Inácio Gomes e Pastor, Almiro Pais Correia, Bernardino António Azevedo e Joaquim Alberto Padilha de Oliveira.

O Conselho Fiscal Central é constituído pelos seguintes elementos: Manuel Alves Martins, Ludgero dos Santos Sequeira, Amândio Sanches Antunes, Fortunato Rodrigues Lopes e José de Assunção Gabriel.

Numa terceira fase proceder-se-á à eleição dos Conselhos Directivos de Zona.

2.º ANIVERSÁRIO DA ADFA

A Associação vai comemorar o seu 2.º aniversário no próximo dia 14 de Maio. Embora a ideia de uma Associação dos Deficientes das Forças Armadas não tivesse surgido apenas após o 25 de Abril de 1974, existia já há muito no espírito e vontade de um grupo de deficientes, foi contudo após o 25 de Abril que foi possível arrancar com uma organização livre e legal. Assim, a primeira reunião alargada em que ficou decidido que os deficientes militares se deveriam congregiar numa organização democrática, de base e por eles próprios fundada e orientada, que corresse com toda uma tradição de exploração política indecente dos

«mutilados ou inválidos de guerra» teve lugar no dia 14 de Maio de 1974. Outras reuniões se seguiram de imediato, assim como tomadas de posição e reivindicações que caracterizaram os primeiros dias da Associação como dos mais activos.

O 1.º aniversário, 14 de Maio de 1975, foi comemorado com um almoço dos sócios na Feira Popular e com um espectáculo de variedades no Palácio da Independência, constituído por projecções de filmes, canções e apresentação de uma peça de teatro por um grupo de teatro amador. No Palácio da Independência esteve também pa-

(Continua na pág. 4)

PÁGINA CULTURAL

FOI SEMPRE, AO LONGO DOS TEMPOS, PREOCUPAÇÃO MÁXIMA DO HOMEM CONHECER-SE A SI PRÓPRIO E CONHECER O MUNDO QUE O RODEIA. ESSA PREOCUPAÇÃO CONTINUA E CONTINUARÁ, PELO MENOS ENQUANTO O HOMEM NÃO SACIAR A SUA SEDE DE SABER, DE CONHECER. SEDE PERMANENTE DE SABER QUE JAMAIS SERÁ SACIADA; VONTADE PERMANENTE DE CONHECER QUE JAMAIS SERÁ TOTALMENTE SATISFEITA. MAS A VERDADEIRA MISSÃO DO HOMEM TERÁ QUE CONSISTIR NUMA LUTA SEM TRÉGUAS MOVIDA AO DESCONHECIDO, A SI E ÀS COISAS, MESMO QUE TENHA QUE CONCLUIR, COMO O FILÓSOFO GREGO, «APENAS SEI QUE NADA SEI».

A luta do conhecimento e da apreensão das coisas e do seu verdadeiro significado não pode ser apenas uma luta individual de cada um para cada coisa. Muito menos a luta de cada um e os resultados da mesma deverão ficar sepultados entre as fronteiras da individualismo, antes devem ultrapassá-las e ir dialogar ou chocar com outros resultados, de outros que se esforçaram e do mesmo modo ou não acharam ou sentiram.

Um deficiente das F. A., sócio da ADFA, militar, vítima da guerra colonial, escreveu e publicou um livro, um livro de poesia, com trinta poesias, intitulado «TRINTA FACADAS DE RAIVA».

A poesia que enche as páginas deste livro é uma voz, um grito que se eleva e sobressai por entre a já há muito sonante voz dos deficientes das F. A., como, aliás, a própria Associação refere no texto que assina para valer como prefácio e que se transcreve. Transcreve-se, a título de amostra, duas poesias escolhidas ao acaso. As restantes 28 poesias, tão significativas e vivas como estas duas, terão que ser lidas no próprio livro, que a ADFA vende, assim como vendem várias organizações populares.

O autor ofereceu a primeira edição das «TRINTA FACADAS DE RAIVA» à ADFA, num gesto de solidariedade total com a luta dos deficientes que é também sua e sempre defendeu e impulsionou.

Cada exemplar custa 30\$00, prevendo-se que a primeira edição seja esgotada em breve.

PREFÁCIO DA ADFA

O grito de revolta que ecoa por entre os versos destes poemas poderia ser proferido em uníssono por milhares de deficientes, milhares de viúvas, milhares de órfãos e muitas famílias de muitos outros — os desaparecidos. Mas não é um grito de revolta abafado no ópio da resignação, é antes um alerta, um sinal de vida, um fruto de esperança, é, sobretudo, uma voz clamando por justiça, é uma exigência de condenação daqueles que vestem uma farda a quem tem vinte anos exigindo-lhes que se dispam da sua consciência, da sua vontade, da sua

liberdade — é o ritmo de uma luta contínua e irreversível.

Esta poesia, com a mensagem que encerra, é a porta-voz de todos os que se viram fardados e utilizados

para fins bem alheios aos meus interesses; de todos aqueles que repudiam as medalhas e compensações cínicas atribuídas em cerimónia pública pelos que faziam da guerra fonte de alimentação dos seus prazeres e dos seus vícios; de todos aqueles que tomaram consciência do engano a que foram levados, da utilização de que foram vítimas; de todos

aqueles que nos horrores da guerra, no abandono dos hospitais na marginalização da sociedade souberam conhecer os seus verdadeiros inimigos — inimigos de todo um povo — jamais deixando de reconhecê-los em cada pelouro, em cada discurso, em cada agitação, em cada ameaça; de todos aqueles que, enfim, da adversidade e do sofrimento souberam extrair a força e a determinação para gritarem bem alto — Não.

Que a mensagem contida nesta poesia, que pode ser colectiva, contribua para que os homens continuem homens, mesmo depois de fardados; que a denúncia feita contribua para o alertar da consciência de tantas pessoas que continuam a passar procuração a outras, de condição bem diferente da sua, para por elas falarem e agirem.

Os homens vitimados pelas minas e pelas granadas, nas matas e nas picadas, maltratados nos hospitais, escondidos da sociedade, abandonados e desprezados, como farrapos, por quem deles se serviu, jamais calarão a voz da sua razão, a voz da

sua justiça, de que este livro de poesia é exemplo nítido, para bem de um povo que quer ser livre, para impedir que os carrascos voltem a subir ao cadafalso do sacrifício colectivo.

Lisboa, 14 de Abril de 1976

ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES
DAS FORÇAS ARMADAS

Intróito

Eu não canto o épico da guerra!
Não, não canto!
Eu canto a agressão
que fui e suportei!
— Eu fui à guerra:
MATEI!...
— Aqui estou, hoje e agora,
amanhã e sempre,
para gritar em verso ou prosa
aquilo que vi, fiz e vivi:
— Porque acordei!
E dou testemunho de tudo quanto
[canto
pois tudo vivi como instrumento
e hoje sinto como canto!
— Não quero esquecer a guerra!
NinguNm a deve esquecer!...
A lembrança
Há-de ser
até morrer
o permanente estigma
que todas as madrugadas
me há-de mobilizar!
(E não me venham falar de
esponjas).

Emboscada

Corpos que se arrastam
e se consomem
na suja lama das picadas
e nos estilhaços das granadas
que explodem.
— Os rebentamentos
são o compasso
tétrico
da sinfonia «Morte»!
— O fogo intenso
cruzado
é o ritmo macabro
no patético bailado.
— Um homem tomba
Ei-lo que jaz
inerte, morto,
vencido!
— Outro homem grita
vendo cair a seu lado

um companheiro soldado:
«Ah grandes filhos da puta»!
«Mataram o meu amigo»!
(E um rosto de sangue manchado)

«Cambada de terroristas»!
«Hei-de matar-vos a todos»!

(E um cheiro a sangue queimado)

— E as lágrimas amargas da raiva
rasgam sulcos vermelhos
num sujo de pólvora!

E uma guerra que se declara:

Não por um Povo oprimido
nem por uma Nação ofendida!
Mas por um homem ferido
num labirinto perdido
entre uma morte e uma vida!

— Transforma-se o oprimido
em instrumento opressor.
Nasce num peito uma guerra!

E, lá longe...
Na sua terra
o abutre, o carrasco
o nazi,
a peste,
enchendo o ventre de carne

«DITOSA PÁTRIA QUE TAIS
FILHOS DESTES!»

«TRINTA FACADAS DE RAIVA»

Livro de poesias sobre a
guerra colonial — grito
de revolta e combate a
um sistema que sacri-
ficou a juventude de Por-
tugal e dos Povos irmãos
das Colónias.

PEDIDOS À DIVISÃO
COMERCIAL DA ADFA

VIDA ASSOCIATIVA

★ Cooperativa dos D. F. A. uma ideia tornada realidade

O tão martelado princípio de que só por via do trabalho o deficiente consegue a sua verdadeira reintegração na sociedade vai ser mais uma vez posto em prática com a criação da Cooperativa dos Deficientes das Forças Armadas — CODEFA. A criação da CODEFA nasceu como resposta revolucionária à saída do Decreto-Lei 43/76 que contrariamente à luta desencadeada pelos deficientes das Forças Armadas veria beneficiar no conjunto os deficientes que de certo modo já se encontravam beneficiados pelas Leis Marcelistas.

Em face da exclusão de milhares de deficientes do conceito oficial de Deficientes das Forças Armadas, a maioria deles continuam à mercê da esmola, do desemprego, em suma condenados a viver no sub-mundo para o qual foram atirados pelas guerras coloniais. Impunha-se, da parte dos que se sentem agora com melhores condições de vida, uma resposta cabal em prol dos camaradas marginalizados tanto pelo regime fascista como pelos regimes pós 25 de Abril.

O melhor contributo que os camaradas abrangidos pelo Decreto-Lei 43/76 encontraram para pôr em prática a solidariedade com os camaradas marginalizados, foi a criação de uma Cooperativa de comercialização de produtos de consumo — CODEFA.

A CODEFA destina-se a comercializar e colocar no mercado produtos de consumo corrente sendo o abastecimento feito com base nas cooperativas agrícolas que a todo o custo procuram escapar-se ao poder de comercialização dos intermediários especulativos.

Para pôr em marcha os objectivos da CODEFA foram já feitos contactos com cooperativas agrícolas que acolheram com agrado mais esta iniciativa dos deficientes das Forças Armadas, prontificando-se as mesmas a fornecerem os produtos de que dispõem. Nesta primeira fase, os locais de venda ao público serão colocados em Lisboa tendo em conta todo o apoio que a ADFFA dispensará a esta nova iniciativa.

Como facilmente se vislumbra, uma organização deste tipo necessitará de bastantes braços de trabalho, sendo estes recrutados única e exclusivamente de entre os nossos camaradas deficientes que não foram abrangidos pelo Decreto-Lei 43/76, conseguindo-se assim uma compensação através do trabalho para os nossos camaradas a quem nem os cravos do 25 de Abril conseguiram restituir justiça.

A CODEFA tem como accionistas todos os deficientes que se encontram abrangidos pelo Decreto-Lei 43/76 mediante uma acção nominal inicial de mil escudos, comprometendo-se os mesmos a contribuir mensalmente com um quantitativo a estabelecer pelo próprio.

O capital investido não rende juros nem dá qualquer direito a dividendos, estando no entanto sempre à disposição dos titulares.

Tendo em conta que no período de criação e expansão da CODEFA há necessidade de grande investimento de capital, aos membros da CODEFA é dada apenas como regalia o levantamento gratuito anual, num dos postos de venda da CODEFA de produtos no valor de dez por cento do capital investido.

Com a criação da CODEFA centenas de postos de trabalho estarão à disposição dos nossos camaradas deficientes que pela via do trabalho conseguirão o seu lugar na sociedade.

Nos próximos números do «Elo» noticiaremos a evolução desta iniciativa.

★ Formação profissional

A Secretaria de Estado da Formação Profissional submeteu recentemente à discussão pública um ante-projecto de diploma sobre a Formação Profissional. A ADFFA, directamente interessada na Formação Profissional, como complemento de Reabilitação Profissional, pronunciou-se sobre este ante-projecto, enviando um parecer ao Ministério do Trabalho.

Transcrevemos aqui algumas passagens do parecer da ADFFA:

«A referência que repetidamente se faz à "entidade patronal" ao longo de todo o documento pode, no caso em o mesmo se verificar na redacção final do diploma, proporcionar uma oportunidade às entidades patronais de chamarem a si a condução do processo da formação profissional, o que, logicamente, em nada beneficiaria os trabalhadores, como é sobejamente conhecido de experiências não distantes. Assim, pensa-se que ao longo do diploma deverá prevalecer o espírito de que serão as próprias organizações dos trabalhadores preferencialmente a conduzir o processo.

No preâmbulo do diploma deverá fazer-se alusão aos deficientes, referindo, que a formação profissional, além de beneficiar todos os trabalhadores em geral, beneficiará muito especialmente os deficientes que viram a possibilidade de continuar a exercer a sua profissão, por motivo de acidente ou doença, afectada, necessitando, muitas vezes, de ser adaptados a uma nova profissão, na qual deverão ser, para uma perfeita integração social, rápida e eficientemente exercitados.

★ Ensino especial para Deficientes

Enquanto não é publicada legislação própria que regule o ensino especial para os deficientes das F. A., a elaborar a curto prazo, estão a ser preparados dois despachos do Ministro da Educação e Investigação Científica, que beneficiam os deficientes nos campos do ensino. Um dos despachos irá determinar a criação de provas especiais de exame, além das provas normais. Outro despacho regula o sistema próprio de exames no fim do presente ano lectivo para os alunos que estão a frequentar as aulas na ADFFA.

★ Livros e leitura

Alguns associados irão receber um questionário, do qual constam algumas perguntas respeitantes aos hábitos e gostos de leitura. Os associados deverão colaborar neste inquérito, preenchendo o questionário e enviá-lo à Associação, a fim de se poder vir a criar bibliotecas, tanto na sede como nas delegações da ADFFA, constituídas por obras que sejam do gosto e do agrado dos sócios que venham a consultá-las e

lê-las. Evidentemente que paralelamente aos resultados deste pequeno inquérito será desenvolvido um trabalho por pessoas qualificadas no sentido de as bibliotecas virem a ser apetrechadas com obras boas, de formação, não se admitindo que que seja inserido qualquer tipo de literatura alienante.

★ Viatura própria, uma necessidade para os deficientes

Como já é do conhecimento da massa associativa a Fundação Calouste Gulbenkian atribuiu à Associação dos Deficientes das Forças Armadas uma verba de trezentos mil escudos destinada a subsidiar a compra de cadeiras de rodas e a participar na compra de viatura própria. Logo que a Fundação nos atribuiu o referido fundo, a ADFFA, através da DGRS, elaborou normas de atribuição baseadas, quanto a nós, num critério de justiça de acordo com os ideais que norteiam a ADFFA e que oportunamente foram divulgados pelo nosso jornal o «Elo».

Partindo do princípio de que para os deficientes que sofrem de grave deficiência de locomoção a cadeira de rodas e o veículo automóvel são factores fundamentais para a sua reabilitação e reintegração sócio-profissional, a ADFFA considerou que só estes eram possíveis de lhes ser atribuído o referido subsídio, visto que para este sector de deficientes o meio de locomoção o próprio torna-se imprescindível para a sua vida do dia a dia.

Apesar de, em princípio, os presentes subsídios não atingirem os montantes que seria de desejar, 33 camaradas nossos já beneficiaram até à presente data dos referidos subsídios com dispêndio para os mesmos do montante de 296.500\$00 (duzentos e noventa e seis mil e

quinhentos escudos), pelo que, facilmente se depreende, a verba inicial cedida pela Fundação Calouste Gulbenkian está praticamente aplicada, pelo que existe a necessidade de um novo reforço tendo em conta que ainda existem muitos camaradas nossos afectados por graves deficiências de locomoção que virão a necessitar deste subsídio e só ainda não o fizeram devido aos seus fracos recursos económicos condicionantes do poder da aquisição de viatura própria, apesar dos subsídios que lhes possam ser atribuídos.

Alguns camaradas deficientes não compreenderam o sentido da atribuição destes subsídios, confundindo estes com meros actos caricativos com que as instituições tipo Movimento Nacional Feminino nos alienaram durante anos.

Muitos camaradas nossos, só pelo facto de serem deficientes, achavam-se no direito de usufruir deste subsídio, esquecendo-se de que ao pensarem assim não estão muito longe dos métodos caritativos que desde sempre a ADFFA repudiou. A ADFFA pensa que se as condições económicas fossem mais favoráveis, em lugar de um pequeno subsídio devia ser atribuído uma viatura a todos os deficientes que têm graves problemas de locomoção. Só nesta base achamos ser de justiça a atribuição de subsídios para compra de viatura própria. Numa base de verdadeira reintegração social não somos de opinião que se devam atribuir subsídios só pelo facto de um indivíduo ser deficiente tendo em conta que nenhum deficiente se deve esconder atrás da sua deficiência para conseguir bens materiais não justificados pela deficiência que o indivíduo em questão comporta. Precisamos todos de repensar até que ponto vão as nossas necessidades tendo em conta a nossa própria deficiência.

I.º DE MAIO 1976

(Continuação da pág. 8)

mais ordena, que está em liberdade e que «Unido jamais será vencido». E assim foi, ele estava unido, deu os braços, não havia ódios, havia, isso sim, amor pelo próximo e vibração, muita vibração, nas palavras de ordem que entoava. A manifestação era encabeçada por uma partícula do Povo, o mesmo Povo que ao longo do trajecto os vitoria, aplaudia, e chorava, sim vi muita gente chorar quando, com respeito, fechava o seu punho e murmurava aquilo que é fácil adivinhar. Ódio e rancor pelos fascistas e por todos os cúmplices dos horrores praticados com tantos milhares de filhos deste Povo explorado, massacrado, rou-

bado e ofendido. Pois, camaradas, por tudo aquilo que vi, posso garantir que o Povo não olha para nós, deficientes, por esmola, por caridade, olha, isso sim, com respeito, e isto para mim é o mais importante, pois se na realidade a perda dos nossos membros, olhos, saúde e órgãos foram uma das razões de ser da libertação do nosso Povo, pois então camaradas que venham agora as cruces de guerra e torres e espadas, porque agora sim, teremos que sentir a noção do dever cumprido.

Fernando Barros
sócio 834



OS DEFICIENTES E O DESPORTO

A revista «O Correio» da UNESCO dedicou o seu número de Maio de 1974, com o título «A Olimpíada dos Paralíticos», totalmente à questão do desporto para deficientes. No sentido de divulgar e dar a conhecer aquilo que deficientes fazem em outros países, transcreve-se algumas passagens dessa revista:

«Há 24 anos um médico teve um sonho. Nesse sonho ele via milhares de paralíticos reunidos numa Olimpíada de Paralíticos, acontecimento dificilmente imaginável em um mundo que considerava essas infelizes vítimas de acidentes e doenças como aleijados incuráveis e por conseguinte marginalizados.

Hoje aquele sonho já é realidade, e aqueles mesmos paralíticos inspiraram outros incapacitados — amputados, cegos, vítimas de paralisia cerebral — a se tornarem desportistas na aceção total do termo.

O médico cujas ideias deram origem a esse movimento mundial de desporto para incapacitados é Sir Ludwig Guttmann. Durante a II Guerra Mundial ele introduziu o desporto primeiramente no Centro de Lesões da Espinha do Hospital Stoke Mandeville, na Inglaterra, como parte do programa de tratamento de homens e mulheres para-

porto para o incapacitado é ajudá-lo a recuperar o contacto com o mundo em sua volta. O desporto gera atitudes mentais essenciais à reintegração social eficaz e especialmente a uma vida de trabalho produtivo.

Esses os motivos que levaram Sir Ludwig Guttmann a instituir os Jogos Stoke Mandeville em 1948, quando um número reduzido de 16 paralíticos desmobilizados das Forças Armadas, homens e mulheres, tomaram parte em competições de arco e flecha. Nos anos subsequentes o número de participantes cresceu, crescendo também o número de eventos com a inclusão de boliche, basquete, atletismo, esgrima, desportos de pista, sinuca, natação, pingue-pongue e halterofilismo.

Hoje os Jogos Stoke Mandeville constituem um Festival Internacional de Desportos (a Olimpíada dos Paralíticos), que se realiza anualmente por três anos consecutivos no Estádio de Stoke Mandeville e

de quatro em quatro anos no mesmo país em que se realizarem as Olimpíadas.

Foi esse extraordinário espírito desportivo que inspirou o Comité Olímpico Internacional a atribuir a Taça Fearnley à organização dos Jogos Stoke Mandeville por ocasião das Olimpíadas de Melbourne de 1956. Trata-se de uma distinção olímpica que qualquer organização desportiva pode receber por contribuição meritória aos ideais do movimento olímpico.

Em 1960 os Jogos realizaram-se em Roma, em 1964 em Tóquio, em 1968 em Israel (por não poder o México acolhê-los ao mesmo tempo em que acolhia as Olimpíadas) e em 1972 em Heidelberg. Em Heidelberg, como em Munique, os Jogos foram inaugurados pelo Presidente da República Federal da Alemanha, Dr. Gustav Heinemann, que também entregou a Sir Ludwig Guttmann, fundador dos Jogos, a Estrela Dourada da Grã-Cruz da Ordem do Mérito da República Federal.

Quem imaginaria em 1948, quando se realizaram os Primeiros Jogos Stoke Mandeville, que um dia

paraplégicos e até tetraplégicos de todas as partes do mundo viajariam milhares de quilómetros, como fazem os desportistas fisicamente sãos para representar seus países em festivais desportivos internacionais?

A concepção dos Jogos acha-se resumida em uma mensagem de Sir Ludwig escrita em 1956: O objectivo dos Jogos Stoke Mandeville é congregar homens e mulheres paralíticos de todas as partes do mundo em um movimento desportivo internacional. Vosso autêntico espírito desportivo de hoje levará esperança e inspiração a milhares de paralíticos.»

«Em 1960 esse homem dinâmico fundou a British Sports Association for the Disable (Associação Desportiva Britânica para Incapacitados), que congrega todos os tipos de incapacitados — amputados, cegos, vítimas de paralisia cerebral e paraplégicos.

Em fins de 1967 o sonho de Sir Ludwig de construir um vasto complexo de desportos para todos os tipos de incapacitados começou

2.º ANIVERSÁRIO DA ADFA

(Continuação da pág. 1)

tente uma exposição de fotografia, cartazes e posters da Associação alusivos aos acontecimentos ocorridos no seu primeiro ano de vida.

As comemorações do 2.º Aniversário da ADFA pretendem ser mais ambiciosas que as do 1.º aniversário, pretendem levar, sobretudo, a Associação e os associados a festejar o seu 2.º ano de vida no exterior, junto do povo trabalhador, assinando uma prática que vem sendo norma. Assim, o ponto culminante de confraternização terá lugar no dia 14 de Maio, à noite, pelas 20 horas, um jantar no Mercado do Povo, a que se seguirá canto livre, com a participação de artistas bem conhecidos pelas suas canções de luta e de resistência. Na tarde do dia 14 estará patente no Palácio da Independência, sede da Associação, uma exposição de arte, constituída por peças de arte criadas pelos povos das ex-colónias portuguesas e trazidas pelos defi-

cientes que aí cumpriram as suas comissões militares. Estará patente também, uma exposição de fotografias, onde estarão assinaladas os momentos mais significativos da vida da ADFA. Ainda na mesma tarde serão projectados filmes alusivos à história da Associação e filmes para crianças.

Na tarde de Sábado será projectado no Mercado do Povo o filme «Deus Pátria e Autoridade», filme que se debruça profundamente sobre a problemática das guerras coloniais e as nefastas consequências das mesmas, nos quais estão incluídos os próprios deficientes das F. A., como é lógico.

Um dos aspectos mais peculiares das comemorações do 2.º aniversário da ADFA será uma campanha de doação de sangue promovida pela Associação e que terá lugar no dia 13 de Maio. Serão os deficientes a dar sangue, sangue que, quase todos, receberam e lhes salvou a vida aquando do acidente. Num

gesto de solidariedade, os deficientes das F. A. pretendem restituir à colectividade o sangue que receberam, para salvar outras vidas, para evitar tragédias e desastres fatais. Esta é uma forma de participação activa na resolução dos problemas que afectam a sociedade. Esta é uma prova de que o deficiente é um homem útil como outro qualquer. Mas esta campanha de doação de sangue não se realizará apenas para os deficientes darem sangue. Será feito um apelo à população de Lisboa para no dia 13 de Maio participar nesta campanha de doação de sangue. Estamos certos que as pessoas irão colaborar neste acto de solidariedade humana.

Estes os principais aspectos das comemorações, em Lisboa, a nível central, do 2.º Aniversário da ADFA. Nas delegações realizar-se-ão também pequenas comemorações.

A A. D. F. A. promove uma campanha de doação de sangue integrada

nas comemorações do seu 2.º aniversário 1974/1976.

QUEM TERIA IMAGINADO?

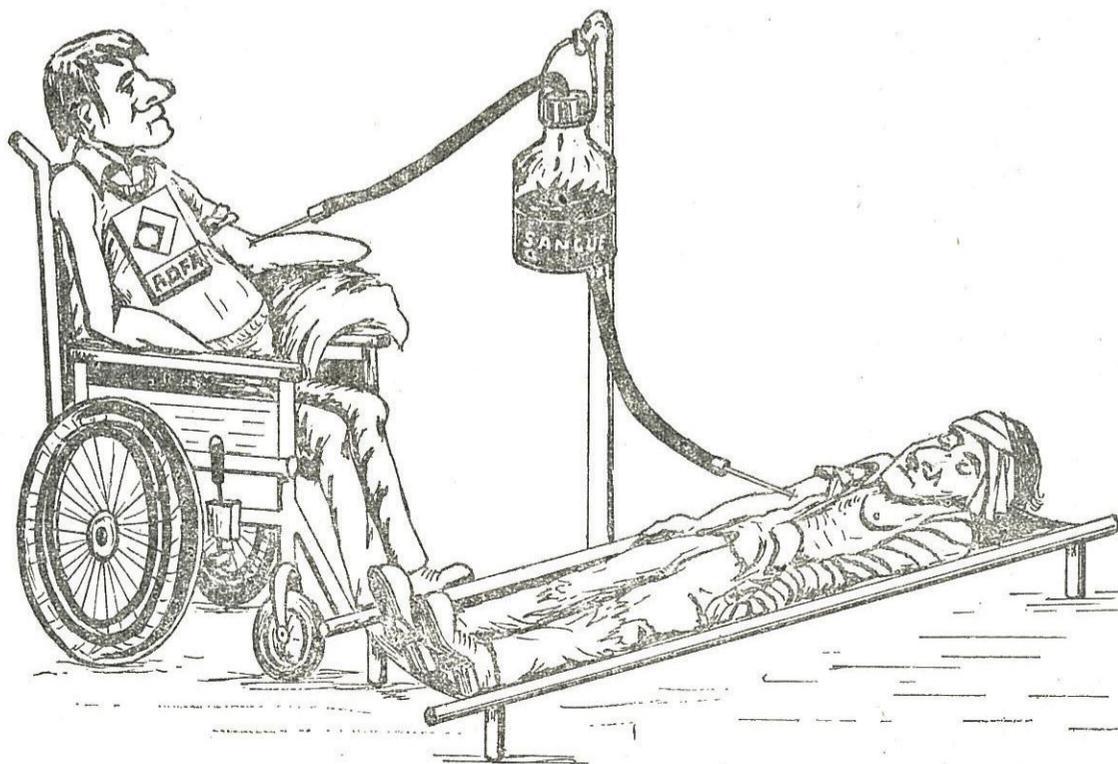
«Quem teria imaginado que em consequência da Olimpíada dos Paralíticos realizada em Tóquio em 1964 e depois de ver os feitos desportivos dos incapacitados, o governo japonês iria inaugurar seis meses depois uma fábrica especialmente projectada para empregar paraplégicos? Em 1968 já funcionavam três dessas fábricas no Japão. Só esse facto mostra o imenso efeito que a actividade desportiva dos incapacitados exerce no sentido de dar a seus componentes paralíticos uma oportunidade de integração na sociedade.»

lisados do peito ou da cintura para baixo em consequência de lesões da medula espinhal. Com isso ele visava dois objectivos: exercitar o corpo e combater o tédio da vida em hospital.

O desporto é muito mais importante para o portador de deficiência física grave do que para o homem são. Uma deficiência física grave sempre prejudica as funções orgânicas e a coordenação, e frequentemente gera tensões psicológicas que dificultam e até prejudicam o contacto com o mundo exterior.

Quando o paralítico é objecto constante de curiosidade ele pode adquirir um complexo de inferioridade traduzido em angústia e perda de confiança e de dignidade pessoal, que conduzem à lamúria, ao isolamento e a atitudes anti-sociais. Tomando parte activa em actividades desportivas ele recupera o equilíbrio psicológico e adquire condições para enfrentar a vida a despeito da incapacidade física.

O objectivo derradeiro, e talvez o mais nobre, do movimento de des-



ONTEM — o sangue dos jovens Portugueses tingia de vermelho ingloriamente as picadas de África...

HOJE — Os mesmos jovens oferecem-no salvando a vida ao seu semelhante.

CONDIÇÕES FACULTADAS AOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS PELA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA

Fizemos já referência, em dois números do «Elo», às condições em que os Deficientes das F. A., abrangidos pelo Decreto-Lei 43/76, poderiam beneficiar de um empréstimo para compra ou construção de habitação própria. A Caixa Geral de Depósitos informou a Associação sobre as condições (muito mais pormenorizadas que as referidas em números anteriores do «Elo»), pelo que nos apressamos a transcrevê-las aqui para que os deficientes que delas pretendam beneficiar fiquem correctamente informados.

As condições, facultadas aos empregados da Caixa em conformidade com o nivelamento bancário, relativamente aos empréstimos para habitação própria permanente, são as seguintes:

a) O prazo máximo será de 25 anos;

b) Todo o empréstimo terá que estar liquidado até o beneficiário completar 65 anos de idade;

c) A taxa a praticar será a taxa de redesconto do Banco de Portugal deduzida de 1%.

— Em futuras actualizações da taxa de redesconto do Banco de Portugal, a taxa sobre os empréstimos em curso só será corrigida desde que tal não acarrete para o beneficiário e apenas em relação às prestações vincendas.

d) O custo máximo da habitação a adquirir não poderá ser superior a 1 200 contos.

e) O valor do empréstimo será definido pelas seguintes percentagens sobre o valor total da habitação em função do custo por metro quadrado:

— Até 6 contos o metro quadrado	90%
— De 6 a 9 contos por metro quadrado	80%
— Mais de 9 contos por metro quadrado	60%

f) O beneficiário garantirá o valor da importância em dívida por hipoteca da habitação adquirida, a favor da Instituição;

g) O beneficiário constituirá um seguro de vida em ordem a que, em caso de morte, a habitação seja transmitida aos seus herdeiros sem qualquer encargo;

h) Estas condições aplicam-se

desde já às operações com estudo autorizado. Poderão também ser aplicadas, mediante novo contrato, às operações contratadas a partir de 1 de Outubro de 1975;

i) Nos empréstimos em vigor concedidos anteriormente a 1.10.75 passará a ser aplicada a taxa de juro de 5,5% desde aquela data;

j) Os pedidos que não se enquadrarem nas condições referidas, serão estudados de acordo com as condições gerais do crédito à habitação própria;

k) Cada proponente só poderá beneficiar de um empréstimo para habitação própria permanente;

l) As presentes condições são dadas sob reserva de alterações que venham a ser determinadas no âmbito do nivelamento bancário;

m) O seguro de vida só deve ser efectuado em fase próxima do contrato e a pedido dos Serviços do Contencioso da Caixa;

n) Para os casos previstos em h) os interessados devem dirigir-se aos seguintes serviços da Caixa (Largo do Calhariz — Lisboa):

n1) Ao DSC-1, se o estudo está autorizado mas o empréstimo ainda o não foi;

n2) Ao Contencioso, se o empréstimo já foi autorizado, mas o contrato ainda não foi realizado;

n3) Ao DSC-4, se o contrato já foi realizado.

Nos termos, portanto, do disposto do Decreto-Lei n.º 43/76, está já a Caixa a considerar extensiva aos deficientes das forças armadas aquelas condições.

Aproveito o ensejo para elucidar V. Ex.^a de que a declaração comprovativa, a passar pelas entidades militares, obedece agora ao esquema seguinte:

DECLARAÇÃO

«Para efeitos do disposto no n.º 8 do artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 43/76, de 20 de Janeiro, declara-se que o (a) (b) (c) é considerado deficiente das forças armadas portuguesas nos termos dos artigos 1.º e 2.º do citado diploma legal.

Data
O Director do Serviço de

ESCREVA CONNOSCO

O ELO da Associação dos Deficientes das Forças Armadas não é feito por profissionais. Somos nós, Deficientes, que sentimos os malefícios de uma guerra injusta, que sentimos o peso da marginalização, que estamos decididamente com a revolução socialista, somos nós, apenas com estas referências profissionais, que fazemos o nosso jornal.

Nós necessitamos que escreva connosco.

Escrever connosco é participar na feitura do ELO; escrever connosco é enviar à Redacção do ELO todas as sugestões para o seu melhoramento e para melhor cumprir a sua missão; escrever connosco é enviar artigos e trabalhos que, transcritos no ELO, enriqueçam as suas páginas e valorizem quem as lê.

PONTOS DE VISTA

De um leitor do «Elo» recebemos uma carta, onde faz análise e referências a intervenção dos deficientes das F. A. nos problemas que afectam a sociedade, pedindo-nos que lhe «mandássemos» a nossa opinião sobre os seus pontos de vista. Publicamos aqui parte dessa carta. Além da nossa opinião, terá então, expressa, a opinião de muitas pessoas, dos leitores deste jornal.

Embora seja uma opinião que ele não conhecerá, não deixará de ser uma opinião, menos válida, menos positiva. A resposta a uma comunicação pode ser silenciosa.

«Para “nós” já morreu uma época “pós 25 de Abril” em que no nosso horizonte, já tão de si caducado de negras trevas, vimos com franca alegria raiar um leve brilho de esperança, em nossas vidas. Porém, tudo o vento levou!

Houveram, e ainda há, “falsos” profetas no nosso País, esses que clamam em nome do povo que tudo prometem, mesmo dentro do próprio Governo. Tudo isso são pala-

vas ocas! Por isso e muito mais, meus companheiros, não tenhamos ilusões. Contudo há que lutar! Nós já de si fomos sacrificados, como animais impuros em holocausto a um Deus-pagão.

Por antigos servidores de um governo tirano e eles aí estão de novo, no ceptro, embora mascarados de democratas! Salvo alguma excepção! Resta-me a consolação que por meio do vosso jornal o bom povo nosso irmão ficará sempre a saber quem são os seus traidores. Não acabeis com o vosso jornal pois ele representa o porta-voz de um povo que se sente burlado.

Apoio-vos que no vosso jornal falardes um pouco de tudo que está mal na nossa sociedade. No meu parecer a vossa linguagem jornalística é bem expressiva e simples ao jeito e modo como o povo quer.

Demais se há “arestas” no vosso trabalho o tempo acabará por limá-las.

Capela».

CUSTOU-ME TRINTA FACADAS

É verdade camaradas, custou-me trinta facadas. Mas facadas não foram os trinta escudos que desembolsei ao comprar «Trinta Facadas de Raiva». Trinta facadas no coração, foi o que senti ao terminar o meu serão, que preenchi ao ler o livro do camarada Calvino. Com ele vivi, recordei e ri. Mas vivi o quê? Recordei o quê? E ri de quê? Vivi os momentos que há anos atrás passei, cheio de saúde em terras de Moçambique, na mesma altura em que aí esteve o Camarada Calvino e Senhor autor (e reparem, escrevo Senhor com «S» grande, pois só quem o não conhece não repara que todo o livro é o retrato de um grande Revolucionário, de um filho do grande POVO, de um oprimido e explorado). Não será tudo isto motivo para considerar um senhor autor? Recordei passagens em circunstâncias idênticas às do autor. E ri de títulos de certos poemas, aliei-os ao seu feitio e atitudes despassaradas.

Mas creiam camaradas, não quero com isto dar os meus parabéns publicamente ao capitão Calvino, pois entendo que não é digno

de parabéns quem escreve o que sente, é sim, honesto e corajoso.

Quero, isso sim, dar os meus parabéns a toda a ADFa em si, por ter no seu seio um filho do POVO som semelhantes características, e, já agora, deixar no ar a todos os leitores, uma pergunta que me ficou a bailar no espírito. Porque será que as Facadas do POVO, são sempre vendidas por tão baixo preço?

Fernando Barros
Sócio n.º 834

APLICAÇÃO DO DECRETO-LEI N.º 43/76

A Caixa Geral de Aposentações contactou a Associação, alertando-a para a necessidade de os deficientes das F. A. abrangidos pelo Dec.-Lei 43/76 requerem o mais breve possível a actualização das suas pensões, actualização a que têm direito desde 1 de Setembro de 1975.

O requerimento é feito em papel selado e enviado à Caixa Geral de Depósitos nos seguintes termos:

Ex.^{mo} Senhor Administrador da Caixa Geral de Depósitos.

Nome posto..... reformado n.º residente em vem requerer a V. Ex.^a a revisão da sua pensão de invalidez, nos termos do Decreto-Lei n. 43/76 de 20 de Janeiro.

Pede deferimento

Data
Assinatura

ASSINE
E
DIVULGUE
O «ELO»

REFEITÓRIO NA ADFA

Devido ao estado altamente inflacionário que se tem vindo a exercer sobre qualquer tipo de sociedade, muito particularmente as de cunho capitalista, existe a necessidade dos trabalhadores de qualquer empresa, seja privada ou pública, se organizarem no sentido de velarem pelos direitos e regalias sociais que lhes assistem.

Os trabalhadores da sede da ADFA também sentem tal inflação, para más situações em pleno centro da cidade, e, como tal, decidiram desenvolver esforços no sentido de ser criado um refeitório na sede, não só para servir trabalhadores como também associados. Assim, os trabalhos que estão em curso, pois conta-se já com o apoio do E. M. Exército para as obras a realizar bem como com o apoio da Força Aérea que forneceu material e utensílios para servir cerca de 80 pessoas.

Esperamos que efectivamente não demore muito a funcionar em pleno o refeitório, pois virá amenizar certas dificuldades, muito especialmente dificuldades monetárias, com que em geral os trabalhadores da ADFA se debatem.

ASSISTÊNCIA MÉDICA NA ADFA

Como já noticiámos em números anteriores do «Elo» foi doada à ADFA parte da Sociedade Clínica do Rossio. Depois de reparadas e adaptadas as instalações pela Associação, foi aí inaugurado no passado dia 5 de Abril um Posto Clínico de neuro-psiquiatria e Clínica Geral, aberto diariamente a todos os Deficientes das F. A. e seus familiares, a partir das 14 h. e 30 m.

As consultas poderão ser marcadas directamente para o Posto Clínico, situado no Rossio, n.º 59 - 1.º Dt.º, Tel. 32 02 05 ou para a sede da ADFA, Tel. 36 21 67.

Informamos ainda que fornecemos, na medida do possível, todos e quaisquer medicamentos que sejam necessários.

NOTA — Além dos três médicos permanentes no Posto Clínico, poderão consultar, se necessário, médicos especialistas.

Estas consultas serão igualmente gratuitas a partir do momento que os interessados estejam munidos duma credencial da ADFA.

OS DEFICIENTES E O DESPORTO

(Continuação da pág. 4)

a tomar forma, e em Julho de 1969 o Estádio Stoke Mandeville para Paráliticos e Outros Incapacitados foi inaugurado pela Rainha Elizabeth.

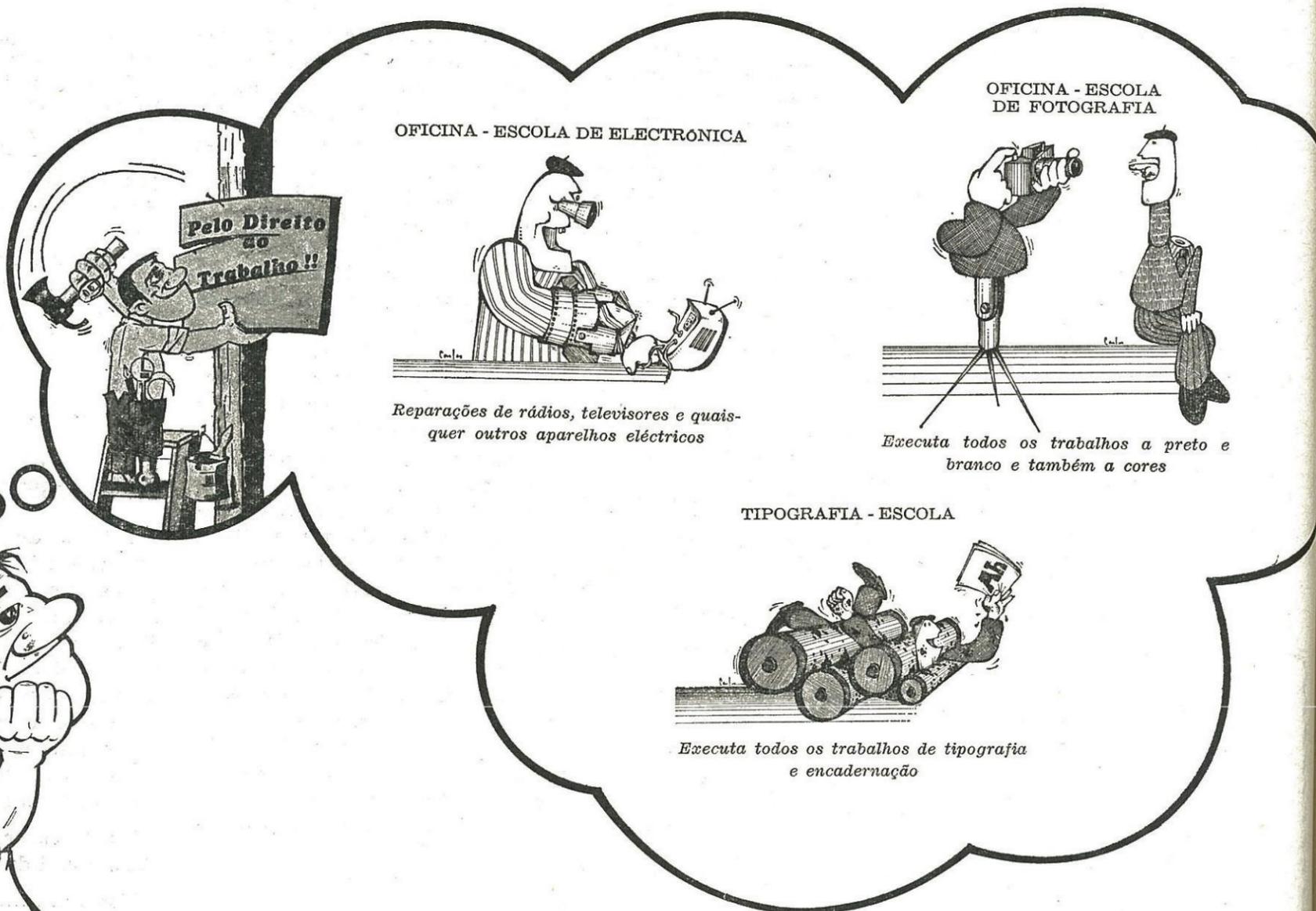
Quatro grandes festivais são realizados anualmente em Stoke Mandeville: os Jogos para Crianças Multideficientes, os Jogos Nacionais Stoke Mandeville, os Jogos Internacionais Stoke Mandeville e os Jogos para Adultos Multideficientes. O estádio é usado também por clubes desportivos de incapacitados para treinos em fins de semana e por incapacitados físicos e mentais durante a semana.

O Estádio Stoke Mandeville foi construído com contribuições voluntárias (e uma pequena verba do governo) principalmente de crianças escolares e de pensionistas idosos de todas as camadas sociais, e até dos próprios incapacitados; mas a força inspiradora foi sem dúvida a dedicação de Sir Ludwig aos deficientes, que hoje, graças ao desporto, podem se reintegrar na sociedade como cidadãos iguais a todos e por todos respeitados.»



Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Divisão comercial e oficinas protegidas



CONSULTANDO as nossas oficinas-escola está a colaborar com a reabilitação e reintegração dos Deficientes das Forças Armadas.

Como percebo o mundo que me cerca

Em 1972 foi publicado em Moscovo um livro intitulado «Como percebo, imagino e compreendo o mundo». A autora, uma poetisa e ensaísta chamada Olga Skorokhodova, é cega e surda. O livro é a história de uma vida incomum e de uma vitória também incomum. A autora nasceu em 1914 em uma aldeia do sul da Ucrânia. Antes dos cinco anos ela foi atacada de meningite e perdeu completamente primeiro a visão, depois a audição, o que lhe prejudicou também a fala. Nessa ocasião seus pais morreram.

No Instituto de Cegos de Odessa, para onde a mandaram em 1922, os professores não conseguiram retirá-la do isolamento em que se recolheu. Em 1925 ela se internou na clínica de crianças cegas, surdas e mudas fundada em Carcov dois anos antes pelo Professor Ivan Sokolyansky. Nessa clínica ela recuperou a fala. Graça a métodos especiais criados pelo Professor Sokolyansky e ao Braille ela fez o curso escolar regular e terminou o curso secundário. Hoje ela é membro do Instituto para Deficientes da Academia Soviética de Ciências da Educação, com sede em Moscovo, e tem o curso de mestrado em Psicologia da Educação. Olga Skorokhodova ensina em uma escola especial para surdos-cegos em Zagorsk, perto de Moscovo, estabelecimento cujo trabalho pioneiro em benefício ds deficientes está alcançand reputação mundial.

O último livro de Olga Skorokhodova completa uma trilogia em que a escritora explica como uma pessoa privada dos dois sentidos humanos mais importantes — a vista e a audição — pode compreender o mundo. Apresentamos a seguir alguns trechos dessa inspirada e comovedora obra.

Não é difícil sentir, perceber, «olhar» um objecto com as mãos. Muito mais difícil para mim é explicar em palavras como eu percebo esse objecto, transmitir a imagem mental que faço dele. Quando gente surda, muda e cega procura transmitir suas sensações, percepções e ideias na linguagem das pessoas que podem ver, é preciso ter em mente que, apesar de empregar as mesmas palavras, a pessoa deficiente sente por meio de órgãos sensoriais diferentes. O homem com visão normal vê uma vaca à distância e diz: «Estou vendo uma vaca. É castanha, tem pintas brancas e olhos grandes.» Um cego pode falar da mesma vaca com as mesmas palavras, mas quando ele quer transmitir suas sensações e percepções imediatas, diz mais ou menos isto: «Sinto a vaca com minhas mãos. Ela tem pêlo liso e macio. Tatei suas pernas e cabeça. Na cabeça encontrei os chifres, que a julgar pelo tacto são duros.»

E como poderia um surdo descrever alguém tocando piano? Apenas com palavras mais ou menos como estas: «Ponho a mão em cima do piano e sinto as vibrações que os ouvintes chamam de som.»

Tenho experimentado muitas coisas, e quanto mais contactos tenho com pessoas e quanto mais fico conhecendo da vida e da natureza, mais ricas e mais complexas vão se tornando minhas percepções e minhas ideias sobre o mundo exterior. Em consequência torna-se também mais difícil para mim encontrar as palavras adequadas para cada coisa.

Ano após ano fui enriquecendo meu vocabulário literário em decorrência da ampliação de minha experiência. O leitor pode não acreditar se eu disser que devo os meus conhecimentos e minha linguagem literária à leitura intensiva, principalmente de obras de literatura.

A leitura pode ser a salvação dos cegos, dos surdos e dos mudos, e principalmente dos que sofrem das três deficiências. Quando os responsáveis pela educação dos deficientes compreenderem isso, os progressos serão muito maiores nesse campo.

«VER» COM AS MÃOS

Minhas mãos substituem em parte a visão e a audição, mas meus pés também desempenham papel importante. Caminhando na rua ou em um parque, percebo facilmente a a mais leve depressão do terreno, e assim sei quando devo descer o

meio-frio de uma calçada para atravessar uma estrada e quando devo subir para pegar a calçada do outro lado. Mesmo dentro de casa consigo perceber qualquer ligeira inclinação do soalho.

Quando L. I. me aperta a mão de manhã, imediatamente fico sabendo como ela se sente, percebo até se ela está preocupada com alguma coisa. Isso eu sinto pelo movimento dos dedos dela, pela tensão e pelo leve tremor da mão. Se lhe pergunto qual é o problema, ela frequentemente responde que não há problema; mas conheço tão bem suas mãos que não acredito nas suas palavras. Não creio que se eu pudesse ver e estudar seu rosto conseguisse avaliar melhor seu estado de saúde e de espírito do que avalio pelos sinais subtis captados pelo tacto.

Um dia eu disse a Maria que seu vestido, antes muito curto, tinha sido encompridado. Apalpando a bainha para ver como o trabalho fora feito, notei que os alinhavos não tinham sido retirados. Chamei A. I. e perguntei: «Por que não tiraram os alinhavos? Quase não se nota, mas deviam ter sido retirados.»

Um dia eu estava lendo com C. quando a chamaram por alguns minutos e eu fiquei sozinha. Perto de mim na mesa havia uma pilha de livros. Não eram livros para cegos, e eu não tinha meios de saber que livros eram. Mas na capa de um havia um círculo tendo no centro um retrato em relevo. Passando os dedos pelo retrato identifiquei o rosto e localizei facilmente os olhos, o nariz, a boca, o queixo, a orelha. Quando C. voltou, perguntei: «Que livro é este?» Ela respondeu que era a *Filosofia da Zoologia* de Lamarck. Perguntei se a effígie na capa era de Lamarck, ela respondeu que sim.

É muito difícil para pessoas de audição normal avaliarem o que significa ler «expressivamente» com os dedos. Tenho procurado explicar isso a pessoas que vêm ler comigo, e mostrar com os dedos o que é que eu quero dizer, mas elas não entendem o que eu e as crianças que ensinamos entendemos perfeitamente.

Por exemplo, quando B. fala de coisas e pessoas de quem gosta ela usa um movimento delicado, por assim dizer acariciante, dos dedos; quando fala do que ou de quem não gosta, usa movimentos rápidos e bruscos dos dedos sem que ninguém lhe tenha ensinado isso. Para mim «mãos expressivas» são mãos nas

quais sinto — para empregar a linguagem dos que ouvem e vêem — uma certa «entonação da voz», um «rosto vivo e buliçoso».

A maioria dos cegos não consegue enfiar linha em agulha. Os poucos cegos que podem dispensar a ajuda das pessoas de visão normal para enfiar linha geralmente colocam o fundo da agulha sobre a língua para poderem sentir quando a ponta da linha está passando.

Eu emprego um método diferente. Pego a agulha com o polegar e o dedo médio da mão esquerda, segurando-a perto do fundo; pego a linha com o polegar e o indicador da mão direita e enfio facilmente — contanto que a agulha não esteja torta e não escorregue de meus dedos.

Além de não depender de minhas colegas videntes para enfiar linha, eu ainda costumo prestar-lhe ajuda quando a luz é fraca. A. I. sempre me pede para ajudá-la, e quando lhe perguntei por que ela não podia fazê-lo sozinha, ela respondeu que estava escuro e que a agulha era muito pequena. Não sei porque, mas acho mais fácil enfiar agulha fina do que agulha grossa.

Uma vez, quando T. A. lia para mim, K. entrou e começou a conversar com ela. Pus as mãos nas gargantas das duas e «ouvi» as vozes delas, depois «olhei» seus rostos. «Somos bonitas?» perguntou T. A. brincando. «O seu rosto é mais bonito que o de K.», respondi. «Ela tem a pele melhor do que a minha», disse T. A. «Pode ser, mas suas feições são mais delicadas», respondi.

Mais tarde, conversando com L. I., falei-lhe dessa conversa e perguntei se eu estava certa em meu julgamento; ela respondeu que sim.

O OLFACTO

Um dia no ano passado eu estava lendo os jornais com U. Quando terminamos de ler todos os que tínhamos, U. saiu para ver se conseguia outros. Momentos depois ela voltou com mais alguns, e deu-me um. Peguei-o e disse que aquele já fora lido. Ela perguntou como eu sabia, antes mesmo de ser lido por ela, expliquei que o reconheci pelo cheiro, e que o tinha lido com R. G. Ela disse que isso era impossível porque H. não lhe teria dado o jornal se eu já o tivesse lido. Então lhe pedi que lesse um título qualquer do jornal, e assim pude convencê-la de que já o tinha lido com R. G.

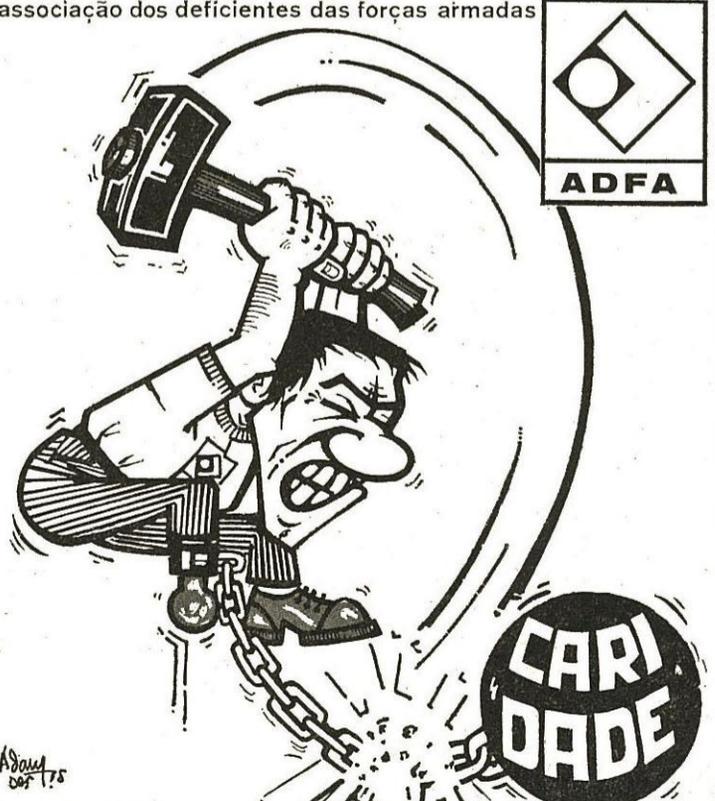
Apesar de não ver nem ouvir, gosto muito da natureza. Distingo cheiros de perfumes, pego as pétalas de uma flor, pego folhas e ramos, apalpo folhas de relva. Sinto o calor forte do Sol e sei como é agradável a sombra e a água fresca depois do calor.

Gosto de praia, e sei pelo olfacto quando é que estamos chegando perto do mar. Mesmo não vendo as ondas nem ouvindo o seu murmúrio, é um grande prazer para mim estar à beira-mar e sentir o cheiro da maresia. Quando estive na praia pela primeira vez experimentei uma sensação de encantamento e respeito pela força e beleza do mar, do qual formei uma representação mental.

m dia E. A. veio-me visitar, e senti cheiro de borracha. Perguntei a ela a origem do cheiro, ela disse que estivera explicando a crianças o significado da palavra «bola», e que haviam segurado uma bola de borracha na mão.

(Transcrito da Revista «O Correio» da UNESCO)

associação dos deficientes das forças armadas



ADFA

CARIDADE

PELA REINTEGRAÇÃO

ACTUALIDADES

NACIONAL

OS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES

Realizaram-se as eleições para a Assembleia da República. Foram eleitos os deputados que irão representar o povo português durante quatro anos. Os deputados eleitos pelos vários distritos irão apoiar ou condenar o governo que o povo «quer ou não quer». Essa é uma das tarefas imediatas e mais melindrosas: que tipo de governo deverão os deputados apoiar?

Entretanto o povo votou. Uns votaram na esquerda, nos partidos que melhor poderão defender os interesses das classes trabalhadoras e das camadas mais desfavorecidas da população. Outros vota-

ram na direita, nos partidos que melhor poderão defender os seus interesses de classe — os grandes proprietários e industriais, os que se sentem realizados num sistema de exploração. Outros, muitos outros votaram nos partidos que não defenderão os seus interesses, nem resolverão os seus problemas — votaram contra os seus anseios e os seus ideais, votaram numa falsa e traiçoeira ilusão.

De qualquer modo o povo português escolheu o regime que pretende seguir nos próximos quatro anos.

Apresentamos aqui esquematicamente os resultados das eleições por percentagens e por deputados:

RESULTADOS FINAIS DAS ELEIÇÕES (Número de votos e dep.) no Continente e Ilhas Adjacentes

Eleitores inscritos	6 481 352	
Votantes	5 396 112	
Percentagem de votantes		(83,26)
Votos em branco	44 480	(0,82)
Votos nulos	213 700	(3,96)
Abstenções	1 085 240	(16,74)
PS	1 877 180 (34,97)	106 dep.
PPD	1 296 432 (24,03)	71 »
CDS	858 873 (15,91)	41 »
PCP	785 620 (14,56)	40 »
UDP	91 383 (1,69)	1 »
FSP	41 954 (0,78)	0 »
MRPP	36 237 (0,67)	0 »
MES	31 065 (0,58)	0 »
PDC	28 226 (0,52)	0 »
PPM	28 163 (0,52)	0 »
LCI	16 235 (0,30)	0 »
PCP (m-1)	15 801 (0,29)	0 »
AOC	15 671 (0,29)	0 »
PRT	5 182 (0,10)	0 »

* Falta conhecer os quatro candidatos pelos círculos dos emigrantes.

Deputados eleitos por partido em cada círculo (referimos apenas os partidos que elegeram deputados)

Círculos eleitorais	deputados a eleger	PS	PPD	CDS	PCP	UDP
Aveiro	15	5	6	4		
A. do Heroísmo	2	1	1			
Beja	6	2			4	
Braga	15	6	5	4		
Bragança	5	1	2	2		
Castelo Branco	7	3	2	2		
Coimbra	12	6	4	1	1	
Évora	6	2			4	
Faro	9	6	2		1	
Funchal	6	1	4	1		
Guarda	6	2	2	2		
Horta	1		1			
Leiria	11	4	4	2	1	
Lisboa	58	25	10	8	14	1
Ponta Delgada	3	1	2			
Portalegre	4	3			1	
Porto	38	18	11	6	3	
Santarém	13	6	3	2	2	
Setúbal	17	7	1		9	
Viana do Castelo	7	2	3	2		
Vila Real	7	2	4	1		
Viseu	11	3	4	4		

POEMAS SEM NOME

Escrevi um poema com rosas e dores

— Escrevi um poema

com sangue e trabalho

Escrevi um poema que me cheira a flores, e está salpicado d'gotas de orvalho.

Escrevi um poema

na terra molhada

do suor cansado dos trabalhadores

ao som ritmado dos golpes d'enzada

Que é música sacra

sem compositores.

Escrevi um poema

nas ondas do mar

Que arrastou à praia

Um corpo sem vida

d'aquele pescador que foi trabalhar

para ter em casa

calor e comida.

Escrevi um poema

numa campa rasa

de um soldado morto

p'la guerra maldita

com lágrimas quentes

de uma mãe que chora

a sua desdita.

Escrevi um poema

no pátio da escola

com risos alegres

de muitas crianças

não levam só livros

dentro da sacola.

Mas levam também

desejos... esperanças... Amor

Escrevi um poema

Para ti... para mim... para todos...

sem excepção de raça... idioma ou de cor.

«Alguém sócio»

S. V. BEIRA

1.º DE MAIO 1976



Muita gente irá escrever sobre o 1.º de Maio, muitos escreverão o que viram, outros relatarão o que a sua actividade profissional a isso lhes obriga. Embora não tendo qualidades para redigir, nem sendo das minhas atribuições profissionais, vou tentar relatar, como vi e senti o terceiro 1.º de Maio em Liberdade. A ADFA aderiu às comemorações do dia Mundial do Trabalhador. Porque não havia de aderir? Acaso não seremos nós

trabalhadores? A manifestação Unitária que se dirigiu ao Estádio 1.º de Maio era totalmente apartidária, nela estavam incorporados vários sindicatos e firmas. O Povo esqueceu-se naquele dia das suas aderências clubísticas, pelo menos aqueles a quem me juntei. O Povo saiu para a rua, lembrando-se mais uma vez que é ele quem

(Continua na pág. 3)